

# **Estresse, Coping e Bem-Estar na Conjugalidade e na Parentalidade: Uma Revisão Narrativa**

Ludmilla Furtado da Silva<sup>1</sup>  
Edna Lúcia Tinoco Ponciano<sup>2</sup>

## **Resumo**

*A família, em constante mudança, enfrenta estresse e desenvolve estratégias que podem ou não promover bem-estar. Há desafios identificados e pouca ênfase sobre as potencialidades e a capacidade de cada família para administrar as adversidades. Com foco nos subsistemas conjugal e parental, o objetivo é discutir e refletir sobre a articulação entre estresse, coping e bem-estar, identificando estudos com essas temáticas. Uma revisão narrativa da literatura é apresentada e discutida, utilizando o periódico *Journal of Family Psychology*, ao exemplificar com alguns estudos empíricos, desde 2010, e analisar o estado da arte dessa proposta de articulação. Estudos sobre conjugalidade e/ou parentalidade, abordando estresse, coping e bem-estar, em conjunto e isoladamente, indicam que os casais e as famílias que gerenciam positivamente as adversidades, com apoio social, sentem-se mais felizes e satisfeitos. No entanto, há poucos estudos que considerem diversas configurações.*

**Palavras-chave:** estresse, coping, bem-estar, conjugalidade, parentalidade

## **Stress, Coping and Well-Being in Conjugality and Parenting: A Narrative Review**

### **Abstract**

*The family, constantly changing, faces stress and develops strategies that may or may not promote well-being. There are challenges identified and little emphasis on each family's potential and ability to manage adversity. With a focus on the marital and parental subsystems, the objective is to discuss and reflect on the articulation between stress, coping and well-being, identifying studies with these themes. A narrative review of the literature is presented and discussed, using the *Journal of Family Psychology*, when exemplifying with some empirical studies, since 2010, and analyzing the state of the art of this articulation proposal. Studies on conjugality and / or parenting, addressing stress, coping and well-being, together and in isolation, indicate that couples and families who positively manage adversity, with social support, feel happier and more satisfied. However, there are few studies that consider different configurations.*

**Keywords:** stress, coping, well-being, conjugality, parenting

### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Psicologia Social, UERJ.

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Instituto de Psicologia, UERJ; Investigadora Visitante da Universidade de Coimbra; Bolsista Produtividade CNPq; Cientista do Nosso Estado FAPERJ.

A compreensão sobre o que é uma família, em aspectos conceituais e práticos, transforma-se à medida que ocorrem mudanças sociais, econômicas e políticas. Tais mudanças não acontecem de forma linear, pois a família, ao ser atravessada pelo contexto histórico-social em transformação, modula suas adaptações internas, enquanto responde ao contexto (McGoldrick & Shibusawa, 2016; Walsh, 2016). Mesmo com essas redefinições, os primeiros cuidados, realizados por figuras parentais, permanecem no grupo familiar, sendo uma referência afetiva que perdura ao longo da vida (Walsh, 2016). Portanto, um conceito de família, que considera amplamente as transformações, pode ser definido como: grupo que se desenvolve a partir de inúmeras possibilidades de união entre duas ou mais pessoas, que podem formar um casal e ter filhos biológicos ou adotados, trazendo suas relações anteriores para a constituição de um novo sistema familiar. Desse modo, a família origina-se de uma rede extensa e complexa permeada por laços sanguíneos e afetivos, que solidificam a convivência, e inserem valores de socialização, negociáveis ao longo do ciclo de vida, com ajuda mútua e solidariedade entre os seus membros (McGoldrick & Shibusawa, 2016; Ponciano, 2019; 2020; Walsh, 2016). Além disso, a família é um sistema intergeracional, que afeta os subsistemas conjugal e o parental, ligados às responsabilidades sobre os cuidados, afetivos e físicos, assim como seus respectivos papéis recebem influência da família de origem. Ressaltamos ainda que, em uma perspectiva sistêmica, a família é uma organização hierárquica, dividida em subsistemas interdependentes, afetados mutuamente pelos eventos ocorridos na vida de cada membro (Mussumeci & Ponciano, 2016).

Ao longo de cada trajetória, as famílias passam por períodos de estabilidade, nos quais estão adaptadas à realidade em que se inserem, e de instabilidade, nos quais ocorrem desorganização, rompendo alguns padrões. A instabilidade pode ser penosa, devido ao desequilíbrio gerado, demandando que haja uma reorganização (McGoldrick & Shibusawa, 2016), o que sempre ocorre, pois, a transformação é constante e afeta o funcionamento dos subsistemas, tendo consequências para cada membro da família (Walsh, 2016).

Apesar das variadas transformações, constituindo diversas formas de dinâmica familiar, as funções básicas dos subsistemas, principalmente o conjugal e o parental, mantêm-se vinculadas aos cuidados entre os membros, moldando as respostas para as situações de estresse e de adversidade. Diante disso, os subsistemas conjugal e parental, afetam a família como um todo e, principalmente, os filhos (Mussumeci & Ponciano, 2016). Nessa perspectiva, o papel fundamental de cuidados e de constituição e formação dos membros da família, contribui, significativamente, para o desenvolvimento individual de respostas ao estresse e se estende para as interações em variados grupos sociais, ao longo da trajetória desenvolvimental (McGoldrick & Shibusawa, 2016).

Embora não haja consenso, esse campo de estudos sobre estresse sinaliza para uma compreensão de que as famílias que utilizam estratégias de *coping*, focalizadas na resolução de conflitos e no apoio social, têm demonstrado resultados mais significativos e positivos; enquanto as que utilizam as estratégias de negação, de evitação e de esquiva têm demonstrado resultados, predominantemente, negativos. Quando os pais se concentram na resolução dos problemas que geram estresse, há um efeito saudável no grupo familiar como um todo (Glidden et al., 2006; Woodman & Hauser-Cram, 2013). Estratégias de *coping* baseadas na relação propiciam maior suporte social,

psicológico e afetivo, bem como influenciam vários aspectos, de forma direta e indireta, tais como adaptação ao estresse e bem-estar emocional (Mussumeci & Ponciano, 2016; 2017). Nesse sentido, o papel que a família tem exercido é intrigante, já que, em alguns momentos, pode ser predominantemente o lugar de transmissão de violência e de afetos negativos, gerando sofrimento psíquico, e, em outros, pode ser principalmente de cuidado e de transmissão de afetos positivos (Imber-Black, 2016). Portanto, na constituição do sistema familiar estão implícitos muitos desafios, tais como o da influência da família de origem, as mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida familiar, que devem ser observados para a compreensão de cada dinâmica familiar.

Como especialistas, não nos cabe ditar as possíveis saídas saudáveis para o bom desenvolvimento familiar como um todo e de seus membros. Não se trata de encontrar ou forjar saídas e soluções para os impasses familiares, advindas externamente, mas sim de criar recursos que contribuam para trabalhar o estresse e as possíveis adversidades e os conflitos, além de compreender a experiência de cada grupo familiar (Cavalhieri et al., 2017). Muitas vezes, podemos cometer o equívoco de analisar o sistema familiar de forma reducionista, enfatizando seus problemas e dificuldades. Tal interpretação, comumente, leva à pouca visibilidade das interações específicas de cada grupo familiar, que se inserem em um contexto mais amplo, conduzindo, assim, a uma visão fragmentada. Dessa forma, negligenciamos as potencialidades e a capacidade de administrar as adversidades e o estresse. A partir dessa questão-problema, que enfatiza a necessidade de reconhecer os aspectos positivos de cada família, propomos uma revisão narrativa da literatura, *buscando articular os conceitos de estresse, as estratégias de coping e de bem-estar, utilizando como fonte de pesquisa o periódico Journal of Family Psychology. Com foco nos subsistemas conjugal e parental, o objetivo é discutir e refletir sobre a articulação entre estresse, coping e bem-estar, identificando estudos com essas temáticas*. Portanto, um caminho reflexivo é traçado com base em estudos empíricos. Inicialmente, definimos os conceitos de estresse, *coping* e bem-estar, relacionando-os à conjugalidade e à parentalidade. Posteriormente, apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa realizada no *Journal of Family Psychology*, ao lançarmos os termos estresse, *coping* e bem-estar. Após uma busca em várias bases de dados, ocorreu a escolha por uma revisão narrativa de literatura em um periódico específico, devido ao número reduzido de estudos que articule esses conceitos, relacionando-os aos subsistemas conjugal e parental. Desse modo, analisamos o estado da arte de uma perspectiva que considera as habilidades da família para lidar com o estresse, encontrando estratégias de *coping* que facilitam o desenvolvimento de bem-estar em seus membros e no sistema como um todo.

### **Estresse, Coping e Bem-Estar na Conjugalidade e na Parentalidade**

O estresse tem sido estudado a partir de aspectos biológicos, além dos psicológicos e sociais, abrangendo os âmbitos individual e diádico. Ainda que o foco principal dos estudos seja o organismo biológico, consideramos a personalidade e o sistema social no qual o organismo está inserido (McEwen & Akil, 2020; Mussumeci & Ponciano, 2018; 2019). Quando abordamos o sistema biológico, estamos nos referindo aos sistemas glandular, cardiovascular e gastrointestinal, atuantes no organismo humano (Selye, 2017). A dimensão psicológica, relacionada à personalidade, abarca os processos afetivos,

emocionais e intelectuais, conscientes ou inconscientes, a dimensão mental e a forma de se relacionar com outras pessoas e com o meio ambiente. Quanto à dimensão social, remete-se à forma de incorporar crenças, valores em relação a outros, a grupos e a comunidades. Nesse sentido, as famílias que utilizam estratégias de *coping* baseadas no apoio social tendem a ter um nível mais alto de satisfação e de diminuição do estresse (Mussumeci & Ponciano, 2016; 2017; 2018).

Definido como um conjunto de estratégias utilizadas pelas pessoas para se adaptarem às situações adversas, o *Coping* é acompanhado de uma tomada de consciência da realidade, no sentido de lidar com situações estressantes, de modo a enfrentá-las, para alterá-las ou adaptar-se a elas e, assim, pode-se aumentar o bem-estar. Lazarus e Folkman (1984) conceituaram *coping* como um processo para lidar com as exigências internas e externas que possam sobrecarregar ou exceder os recursos das pessoas. Nesse caso, o termo lidar é melhor empregado, pois nem tudo que uma pessoa vivencia pode ser superado, mas pode ser tolerado, aceito ou redefinido (Arsego & Morales, 2018).

Como um importante conceito da Psicologia Positiva, o bem-estar influencia a maneira como cada pessoa enxerga a si mesma e a outras pessoas. Conhecer os aspectos relacionados a esse tema, pode ajudar a compreensão da necessidade de bem-estar, reconhecendo os ideais pessoais e do grupo familiar, visando a atingir objetivos de uma vida plena. Para o alcance e manutenção da saúde, é de suma importância que haja equilíbrio nas relações, pois criar boas relações proporciona bem-estar, ao passo que relacionamentos ruins e estressantes podem apontar para o aumento de estresse e de sofrimento psíquico. Com isso, pode-se dizer que boas relações na família contribuem para uma sensação de felicidade e uma boa qualidade de vida familiar (Camaliente & Boccalandro, 2017).

A Psicologia Positiva tem a perspectiva de oferecer um novo olhar para o psiquismo, enfatizando um caráter positivo e, com isso, ampliar os horizontes em pesquisas com casais e famílias. Quando as potencialidades do casal são reconhecidas e lapidadas, a qualidade da relação muda, inclusive em momentos estressantes (Scorsolini-Comin & Santos, 2011). Nesse sentido, a capacidade de alcançar bem-estar está diretamente ligada às vivências precoces na família (Cavallieri et al., 2017). Ao lado das mudanças, o potencial para encontrar respostas satisfatórias pode ser observado em diferentes configurações familiares. Algumas pesquisas indicam que diferentes modelos de família, não somente o nuclear, como no caso do divórcio e do recasamento, demandam dos seus membros uma acomodação às mudanças de relacionamento, de papéis e de estrutura, que podem ter como resultado o bem-estar dos envolvidos, a começar pelo casal e pelos pais (Rusu et al., 2015).

Conjugalidade, enquanto subsistema familiar, refere-se à díade conjugal e compõe um espaço de apoio mútuo para o desenvolvimento da família. A tarefa primordial do casal é articular a individualidade e a construção da conjugalidade; é nesse jogo de equilíbrio que o casal constrói sua dinâmica conjugal e suas formas para lidar com o estresse (MacGoldrik & Shibusawa, 2016; Mussumeci & Ponciano, 2017; 2019). A parentalidade diz respeito às funções de educação, de acordo com a cultura da família, de cuidado e de proteção em relação às gerações mais novas, o que começa quando nasce o primeiro filho. Destacamos que essas funções não são destinadas somente aos pais biológicos, mas também a outros familiares e pais adotivos (MacGoldrik & Shibusawa, 2016).

Atualmente, a visão do casamento abarca um movimento paradoxal que consiste no fato das pessoas continuarem se casando, a despeito das separações (Pasley & Garneau, 2016). Ao considerar

o bem-estar psicológico nas famílias, alguns trabalhos expõem que a qualidade conjugal é diminuída quando se tem filhos, em razão de ser adicionada maior complexidade na relação familiar, com aumento de conflitos (Rolhas, 2016), sendo importante considerar as diferenças culturais, ao observar que nem todos passam pelo mesmo nível de estresse (Hilpert et al, 2016; Sorokowski et al, 2017). Por isso, a importância de focar os subsistemas conjugal e parental para articular os conceitos de estresse, *coping* e bem-estar, indicando que ambos constituem um fator importante para compreensão da dinâmica familiar que pode diminuir ou aumentar o sofrimento psíquico.

### **Estudos Empíricos do *Journal of Family Psychology*: Exemplos de Articulação**

Uma revisão narrativa de literatura é pertinente para discutir a articulação de conceitos de estresse, de coping e de bem-estar, devido à dificuldade de encontrar estudos que abordem a relação entre eles. Uma revisão de caráter amplo, sintetizada acima, descreve o desenvolvimento de um determinado campo de estudos, sob o ponto de vista teórico e contextual. Tal tarefa pode ser útil para atualização do conhecimento sobre conceitos tradicionais, que apresentados em novas articulações, evidenciam novas ideias e sinalizam para uma produção de conhecimento ainda pouco visualizada ou discutida (Sousa et al., 2018). Uma análise e interpretação de estudos empíricos, a partir de uma questão-problema importante para as revisoras/pesquisadoras, autoras dessa revisão (Vosgerau & Romanowsk, 2014) foi enunciada inicialmente, e refere-se ao equívoco de interpretar o sistema familiar de forma reducionista, enfatizando somente seus problemas e dificuldades, especialmente quando não corresponde a padrões hegemônicos, dificultando a visibilidade das interações específicas de cada grupo familiar, que podem estar relacionadas a potencialidades e à capacidade de administrar as adversidades.

Em um primeiro momento, buscamos amplamente artigos científicos, orientados pela questão-problema, sendo encontrados poucos artigos que apresentassem essa questão de modo a articular os conceitos escolhidos e suas consequências para a compreensão do sistema familiar. Posteriormente, decidimos realizar uma busca nas bases de dados nacionais e internacionais (PePSIC, SciELO e periódicos da APA) mantendo-se o resultado de ausência de articulação. Resolvemos, portanto, escolher um periódico, o *Journal of Family Psychology*, publicado pela *American Psychological Association* (APA) que, no campo da Psicologia da Família, abrange estudos variados sobre o sistema familiar, realizando uma busca que obteve melhores resultados. Nesse periódico, específico de estudos sobre família, houve um resultado significativo, mas ainda incipiente. Não encontramos artigos que relacionassem todos os conceitos, conforme o nosso interesse, orientado pela questão-problema proposta, confirmando o estado de arte desse campo de estudos.

A partir dessa constatação, utilizamos os descritores *stress*, *coping* e *well-being*, agrupando-os em quatro formas distintas, divididos em quatro etapas de busca, conforme a seguir: (I) *stress*, *coping*, *well-being*; (II) *stress*, *coping*; (III) *stress*, *well-being*; (IV) *coping*, *well-being*. Essa escolha de quatro agrupamentos foi baseada na ampla revisão inicial desse campo de estudos, trazendo resultados mais significativos, para discutir a questão-problema levantada. Com esse procedimento, encontramos 68 trabalhos que continham os descritores no *abstract*. Estabelecemos como critério de exclusão os

artigos repetidos e os que abordam doenças físicas. Como critério de inclusão, observamos o foco no subsistema conjugal e parental e os que foram publicados nos últimos dez anos. Dessa forma, obtivemos, como resultado, 27 artigos para análise. Realizamos uma leitura do título e do resumo dos artigos, para verificarmos se estava descrita, de forma clara, a relação dos descritores com o objetivo dessa revisão, confirmando a inclusão para discutir a relação entre os conceitos pesquisados. Posteriormente, foi realizada uma leitura dos artigos com foco nos resultados, para fundamentar a discussão.

## Resultados e Discussão

Para a apresentação dos resultados, os artigos foram agrupados, conforme a busca realizada e acima discriminada. Apresentamos os grupos para discutir o modo que cada agrupamento de artigos trabalha a articulação dos conceitos propostos para análise.

*Grupo I:* estresse, coping e bem-estar - dois artigos, cujos temas são: estresse no casamento – exaustão (Buck & Neff, 2012); risco e resiliência – famílias etnicamente diversas e pobres (Wadsworth & Santiago, 2008).

No grupo I, os dois artigos abordam separadamente a relação conjugal e a parental. Segundo os resultados apresentados pelo artigo sobre conjugalidade, os casais que experimentam um aumento do estresse adotam comportamentos mais agressivos em relação ao parceiro(a), enquanto casais que se consideram mais felizes, relatam ter dificuldades de se relacionarem sob a condição de estresse. Para melhorar a relação e produzir uma sensação mais agradável, os casais felizes utilizam estratégias que podem reduzir o estresse e propiciar um aumento de bem-estar (Buck & Neff, 2012). Quanto ao artigo que aborda a dinâmica parental, eles sugerem que as intervenções baseadas na família e focadas no enfrentamento têm o potencial de promover resiliência e romper com o ciclo pernicioso do estresse, produzindo uma maior sensação de bem-estar (Wadsworth & Santiago, 2008).

*Grupo II:* estresse e *coping* - 14 artigos, cujos temas são: mediação diádica e apoio social - *coping* e estresse - casais em tratamento de fertilidade (Casu et al., 2019); escuta, atenção ao parceiro durante as conversas - coping diádico (Kuhn et al., 2018); casais e estresse - diferenças interpessoais e processos intrapessoais (Hilpert et al., 2018); comportamento negativo e positivo e eventos estressantes (Rivers & Sanford, 2018); conversas – coping diádico e estresse (Kuhn et al., 2017); associações diádicas e longitudinais - estresse pós-traumático pós-terremoto e qualidade da relação (Marshall et al., 2017); trabalho das mães, lar e estresse de mãe-filhos em conflito (Nelson, Boyer, Villarreal & Smith, 2017); ruminação, abstinência e estresse (King & DeLongis, 2014); parentalidade e depressão (Gaylord-Harden et al., 2013); comportamentos parentais maternos e o enfrentamento de crianças afro-americanas (Wang & Dix, 2013); *status* socioeconômico - eventos estressantes, saúde mental e satisfação no relacionamento (Maisel & Karney, 2012); estresse espiritual, *coping* e divórcio (Baker et al., 2011); comportamento e depressão materna - famílias de adolescentes com autistas (Krumrei et al., 2011); estresse e atividade sexual (Bodenmann et al., (2010).

Os 14 artigos do grupo II, com os descritores estresse e *coping*, apontam que a percepção dos membros da família, para um funcionamento familiar adequado, encontra-se associada tanto ao

recurso estratégico de *coping*, quanto ao ajustamento psicossocial. A utilização de estratégias de *coping* são relacionadas ao desajustamento/ ajustamento psicossocial, surgindo como um indicador de que o recurso do *coping* individual ou diádico, de fato, pode contribuir para melhores relações familiares (Casu et al., 2019; Kuhn et al., 2018; Hilpert et al., 2018; Kuhn et al., 2017; Wang & Dix, 2013). Os resultados registram que, quanto maior o apoio diádico, maior é a redução do estresse, individualmente e na conjugalidade (Bodenmann et al., 2010; Krumrei et al., 2011; King & DeLongis, 2014; Maisel et al., 2012). Alguns discutem sobre escuta e concluem que, quando existe uma escuta mais atenta por parte de um dos parceiros, o nível de estresse é reduzido (Rivers & Sanford, 2018; Marshall et al., 2017). Os autores sugerem que o estresse seja monitorado constantemente para que os envolvidos na relação busquem estratégias adequadas o quanto antes, não precisando sobrecarregar a relação com momentos de tensão (Baker et al., 2011; Marshall et al., 2017). O funcionamento familiar é visto como um fenômeno complexo e a sua qualidade está associada à resolução de conflitos, à coesão, à comunicação e à forma como se adaptam às mudanças, ao longo do ciclo de vida (Wang & Dix, 2013).

Devemos ressaltar que, dos 14 artigos com os descritores estresse e *coping*, a grande maioria discute e aponta para as estratégias de *coping* na relação conjugal, mas pouco se discute sobre a relação parental. Os que discutem estratégias de *coping* para lidar com o estresse na parentalidade se referem à qualidade da relação pai-filhos, o ambiente familiar e a estrutura, destacando que o suporte familiar percebido está associado a uma menor utilização de estratégias de *coping* desadaptativas (Nelson et al., 2017; Wang & Dix, 2013; Baker et al., 2011). Sobretudo, os artigos que discutem a parentalidade têm como maior referência a relação das mães com seus filhos, pouco aparecendo a figura paterna. Os resultados de alguns artigos apoiam a hipótese de que o estresse familiar deve considerar os transbordamentos no sistema familiar e focalizar estratégias que auxiliem o *coping* das mães, visto que ainda são consideradas as cuidadoras principais, ou seja, as maiores responsáveis pelo cuidado e pela educação dos filhos (Nelson et al., 2017; Gaylord-Harden et al., 2013; Baker et al., 2011).

*Grupo III*: estresse e bem-estar - nove artigos, cujos temas são: bem-estar desigualdade no casamento (Ogolsky et al., 2019); dinheiro - *status* social e problemas de comportamento de crianças pequenas (Roy et al., 2019); agressão íntima do parceiro (Hammett et al., 2018); dimensões psicossociais do parto (Saxbe et al., 2018); vizinhança, bem-estar espiritual e estresse parental - mulheres afro-americanas (Lamis et al., 2014); estresse e apoio social em casais *gays*, lésbicas e heterossexuais (Graham & Barnow, 2013); mães de baixa renda e bem-estar socioemocional de adolescentes (Bachman et al., 2012); organizações familiares entre pais e filhos (Feinberg et al., 2010); sofrimento psicológico, bem-estar e reconhecimento - casais do mesmo sexo (Riggle et al., 2010).

No grupo 3, que se refere aos nove artigos que discutem estresse e bem-estar, quatro estão voltados para a relação conjugal e cinco para a relação parental, destacando a chegada dos filhos e a adolescência. Os artigos que discutem conjugalidade enfatizam que casamentos nos quais ocorrem algum tipo de agressão tem um aumento de estresse. Nesse sentido, ajudar os casais a conterem o aumento de agressão pode auxiliar no aumento de bem-estar (Ogolsky et al., 2019; Buck & Neff, 2012). O apoio social, recebido por membros da família, foi igualmente apontado como fator importante para a qualidade do casamento, principalmente em casais heterossexuais, visto que, nas relações

homoafetivas, o apoio social pode vir mais dos amigos do que necessariamente da família (Riggle et al., 2010; Graham, & Barnow, 2013). Notamos, nos artigos, que casais que adotam comportamentos predominantemente negativos experimentam maior nível de estresse e avaliam o casamento de forma negativa e que casais felizes evitam se envolver em situações que sejam mais estressoras, buscando uma regulação emocional para o positivo (Ogolsky et al., 2019; Hammett et al., 2018).

Os artigos que discutem a parentalidade sinalizam que toda mudança na família gera estresse. Nesse sentido, o nascimento de um filho e a entrada do filho na adolescência podem causar um nível bem alto de situações estressantes (Feinberg et al., 2010; Roy et al., 2019). Alguns resultados revelam a dificuldade que os pais têm de encontrar bem-estar nas relações, conjugal e familiar, quando os filhos são pequenos, e que há dificuldades de lidar com o estresse advindo dos problemas comportamentais das crianças (Roy et al., 2019). Inclusive, as mulheres buscam apoio afetivo em outras mulheres e na família para se sentirem menos estressadas, além de mais acolhidas em suas angústias (Bachman et al., 2012; Saxbe et al., 2018). Outro estudo aponta para um contexto que ressalta o apoio familiar para reforçar fatores de resiliência culturalmente relevantes, tais como a espiritualidade (Lamis et al., 2014)

Devemos nos atentar também para o fator financeiro, pois, segundo alguns artigos, a escassez de recursos financeiros pode aumentar o estresse na família. Os pais casados possuem uma maior estabilidade financeira e relatam ter menos dificuldades em arcar com as despesas da casa e dos filhos; por isso, vivem com menos sofrimento, sentindo um maior nível de bem-estar (Roy et al., 2019). Outro destaque deve ser feito na transição para a paternidade, dado que a forma como os homens lidam com o estresse, ao nascer um filho, tem um impacto significativo para o bem-estar. Homens que buscam apoio social e familiar conseguem aprimorar mais e melhor a forma como enfrentam o estresse (Rusu et al., 2015). Um estudo descreve que os pais tendem a fazer uso de algumas estratégias para suprimir ou eliminar certos comportamentos, da criança e do adolescente, que são considerados inadequados ou indesejáveis; enquanto, os comportamentos considerados adequados, os pais incentivam e favorecem, beneficiando-os de alguma forma (Cowan & Cowan, 2016).

Entendemos, a partir dessas análises, que a forma como os pais socializam e criam seus filhos pode se tornar uma fonte de estresse parental e, por conseguinte, pode causar danos ao desenvolvimento dos filhos. O estresse parental se define como uma reação psicológica aversiva às demandas dos papéis de pai e de mãe (Brito & Faro, 2016). No entanto, muito pouco se sabe sobre os fatores que levam os pais a responderem positiva ou negativamente aos filhos. Contudo, já tem sido observado que pais que respondem negativamente têm um alto nível de estresse ou de fadiga (Cavallieri et al., 2017). Segundo as análises dos que tratam de estresse na parentalidade, os pesquisadores sinalizam que existe um conjunto de fatores que podem causar estresse na família: insatisfação conjugal, sintomas depressivos de um membro familiar, insatisfação na vida profissional e uma distribuição de papéis que não propicia a interação (Buck & Neff, 2012). Em relação à insatisfação conjugal, esta pode ser uma fonte de estresse, afetando interações diárias e o relacionamento. Outra fonte de estresse ou tensão para os pais é o nível de insatisfação nas relações de trabalho. Há evidências de que as relações de trabalho estressoras afetam a dinâmica familiar e, com isso, emoções negativas podem ser transmitidas aos filhos. Por último, quando os papéis familiares estão confusos

ou não são bem estabelecidos, se tornam fonte de estresse e de tensão para a relação pais e filhos (Walsh, 2016).

Dos quatro artigos que abordam estresse na relação conjugal, percebemos que os pesquisadores descrevem que toda mudança na família gera estresse. Nesse sentido, sinalizam que a vida conjugal é dinâmica e está em constante mudança, indicando que os cônjuges precisam aprender a lidar com as tensões do seu cotidiano (Ogolsky et al., 2019; Buck & Neff, 2012). Nessas pesquisas, podemos perceber que há um interesse de estudar o impacto do estresse no relacionamento conjugal e como o casal faz o gerenciamento dos eventos estressantes. Com as análises dos resultados, vimos que o estresse pode se tornar presente em qualquer casamento, sendo inerente ao sistema familiar, porque as trajetórias de desenvolvimento são marcadas por tensões. Muitas vezes, é o nascimento dos filhos que deflagra os conflitos e leva a reações agressivas (Hammett et al., 2018). Os pesquisadores sinalizam que ter uma rede de suporte auxilia o casal a enfrentar e gerir a crise. O estresse pode ser considerado por um dos membros da família como a incapacidade de ser feliz; além disso, tal percepção faz parte do contexto em que vivem (Arsego & Morales, 2018). Esse destaque corrobora a análise realizada nos artigos pesquisados, pois ressaltam que as causas mais comuns do estresse são contextuais/relacionais: as mudanças de vida, estresse crônico, aborrecimentos, frustrações e conflitos, fatores econômicos, dentre outros (Mussumeci & Ponciano, 2019).

*Grupo IV: coping e bem-estar* - dois artigos, cujos temas são: enfrentamento diádico, santificação, satisfação e bem-estar conjugal (Rusu et al., 2015); estratégias de *coping* individual e de *coping* diádico (Papp & Witt, 2010).

Referente aos artigos que abordam *coping* e bem-estar, notamos que todo material analisado relaciona bem-estar ao estresse e ao *coping* diádico. Um dos artigos examinados sugere que o apoio prestado ao parceiro pode facilitar o relacionamento e, conseqüentemente, gerar bem-estar (Papp & Witt, 2010). Os resultados desse artigo sugerem que, utilizando estratégias de *coping* diádico, pode-se aumentar o apoio prestado ao parceiro, o que está positivamente relacionado à satisfação conjugal e ao bem-estar no nível diádico (Mussumeci, & Ponciano, 2017; 2018; 2019).

Em outro artigo, está sinalizado que as estratégias individuais preveem, independentemente, o bem-estar do parceiro e o funcionamento do relacionamento (Rusu et al., 2015). No entanto, não está claro se os processos de *coping* individual estão relacionados com o *coping* diádico e se eles contribuem para o funcionamento do relacionamento romântico. Os pesquisadores acreditam que os casais que conseguem utilizar estratégias de *coping* diádico têm maior chance de bem-estar conjugal, mas não deixam claro se o *coping* individual também pode contribuir para a relação do casal.

O nível de satisfação conjugal pode ser equilibrador de emoções, fazendo aumentar ou diminuir as emoções positivas ou negativas na relação conjugal. Faz diferença a maneira como cada membro do casal participa da constituição do estar junto (Cavaliheri et al., 2017; Walsh, 2016). Pode ser considerado um fator de satisfação conjugal, quando o casal compartilha projetos, sentimentos, desapontamentos, diferenças e intimidade, além de influenciar a satisfação parental e a vida como um todo. Nos artigos analisados, encontramos que há relações entre interação conjugal e aspectos estruturais do casamento; os pesquisadores sugerem que sentimentos e percepções estariam no

centro da estrutura da conjugalidade (Papp & Witt, 2010; Rusu et al., 2015), constituindo-se como aspectos ainda pouco analisados.

### **Considerações Finais**

A partir dos artigos analisados em sua totalidade, é possível concluir que sem estresse não é possível viver, mas um alto nível de estresse, sem gerenciamento adequado, não facilita a promoção de bem-estar. Desse modo, casais e pais que gerenciam positivamente o estresse parecem mais funcionais e mais satisfeitos com a relação, seja qual for a configuração familiar. Destacamos a ideia de que é de suma importância reconhecer que as frustrações e as tensões do cotidiano são fatores de estresse inevitáveis e que o reconhecimento disso é uma medida de gerenciamento de estresse (Mussumeci & Ponciano, 2017; 2018; 2019).

É imperativo que, nos tempos atuais, os membros do casal vivam relações satisfatórias, buscando um modo de se relacionar confortável e prazeroso (Cavaliheri et al., 2017). No entanto, essa busca por satisfação pode se tornar paradoxal à medida que buscam por desejos individuais ao mesmo tempo que tentam construir uma relação de casamento feliz e prazerosa. No que tange à parentalidade, percebemos, na leitura dos artigos pesquisados, que os cuidados parentais positivos aumentam a qualidade de vida nas relações familiares e auxiliam o desenvolvimento de momentos nos quais o bem-estar é evidenciado. Isso corrobora o que encontramos na análise dos artigos sobre bem-estar, indicando a necessidade de que os pesquisadores que se dedicam a olhar para o casal e para os pais devam estar atentos em seu campo de estudo, a fim de contribuir para que as características adaptativas apareçam, identificando o saudável com flexibilidade e, dessa forma, possam contribuir para a promoção de bem-estar e de felicidade (Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

A partir do que foi exposto e discutido, compreendemos que o reconhecimento da natureza complexa da família é uma condição essencial para interpretarmos seus conflitos, suas contradições e, principalmente, para auxiliar no processo de produção de bem-estar em diversos contextos. Pelo que foi proposto em nosso objetivo, discutir e refletir sobre a articulação entre conceitos, identificando estudos sobre estresse, estratégias de coping e de bem-estar, com foco na parentalidade e na conjugalidade, conseguimos perceber, em nossa análise, que, desorganização, atos violentos, brigas e desentendimentos, com a utilização de estratégias específicas e apoio social, podem ser revertidos, gerando saúde na família; nem sempre evitando o estresse, mas propiciando melhor desenvoltura para lidar com as adversidades.

Embora as relações familiares apresentem sofrimento e alguns desajustes, deve-se entender a família a partir de seus laços culturais e organizadores sociais que influenciam a dinâmica familiar, pois a sua constituição não acontece de forma unidimensional, somente por suas características internas. Percebendo e estudando a família, nos contextos, devemos considerar suas múltiplas facetas e modos diversos de organização, além da dinâmica entre seus membros. Com isso, é possível perceber que cada membro da família tem uma forma de se organizar, cada subsistema e o sistema como um todo podem ser capazes de lidar com seus dilemas e estresse. Desse modo, é possível que as famílias tragam inovações em suas interações cotidianas, buscando apoio em sua rede social.

De um ponto de vista clínico, para se trabalhar a perspectiva de promover boas relações na família, é imprescindível redimensionar a forma como concebemos as relações familiares. Sem dúvida, a forma reducionista que, muitas vezes, definimos a família, faz com que pareça existir um modelo ideal, uma família feliz sem percalços e sem estresse. A partir de uma visão de falta, intrínseca à família, a leitura idealizada se revela insuficiente, à medida que oferece pouca atenção às interações em um contexto mais ampliado, de modo a estigmatizar as relações, principalmente nos contextos com limitação de recursos. Em um modelo, supostamente ideal, são negligenciados não só os problemas e os conflitos, como a capacidade de promover e de administrar as adversidades, além da potencialidade de crescimento. Dessa forma, as famílias que convivem com a violência, uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas, falta de recursos financeiros, entre outras questões que geram aumento de estresse, tendem a ser vistas como não tendo condições de reconhecer e desenvolver suas potencialidades, para enfrentar e lidar com a tensão (Shimoguiril & Serralvoll, 2017), o que, como especialistas, não deveríamos reforçar a partir de uma leitura limitadora.

Com essa revisão narrativa de literatura, entendemos que fatores estressantes surgem nas relações, ao longo do ciclo vital, e fazem parte da dinâmica familiar. Uma relação conjugal e parental saudável não é aquela sem estresse, mas aquela capaz de utilizar estratégias de *coping* como facilitadora da promoção de bem-estar. Para trabalharmos com famílias e seus subsistemas, devemos utilizar uma perspectiva que contemple suas potencialidades, considerando seu poder integrativo, suas contradições e, com isso, admitir a possibilidade de que seja possível o bem-estar, mesmo quando os níveis de estresse são altos (Silva & Lunardi, 2006).

Por fim, ainda que mantenhamos uma visão hierárquica da família com ênfase nos subsistemas conjugais e parentais como responsáveis pelos cuidados, enfatizamos que se faz necessário investir em pesquisas que abordem as estratégias de *coping*, em vários modelos de família que não somente o nuclear (biológico e heterossexual). Na revisão realizada, não encontramos um número considerável de publicações sobre *coping*, estresse e bem-estar relacionados a diversos modelos de família. Dessa forma, notamos o quanto é relevante debater e discutir essas temáticas, para além de um modelo de família. Consequentemente, repensar os modelos tradicionais de conjugalidade e de parentalidade é uma tarefa importante. Nesse sentido, propomos diálogos com profissionais da Psicologia, junto aos de outras áreas disciplinares e de atuação profissional, para que possamos desenvolver intervenções que não desprestigiem as diversas configurações e as diversas dinâmicas familiares, mas que valorizem suas potencialidades, auxiliando-as na forma como podem enfrentar as mudanças e as adversidades que são fontes de estresse, em busca de uma dinâmica satisfatória que produza bem-estar, em diversos contextos. Um dos desafios, para pesquisas e atuações futuras, encontra-se em considerar as múltiplas dimensões da experiência do estresse, desde os fatores biológicos aos psicossociais, desenvolvendo teorias e técnicas que ajudem a lidar com o sofrimento psíquico e a potencializar o bem-estar individual e o das relações familiares. Por fim, desejamos que essa discussão contribua para ampliar a visão sobre a família e o seu papel, ao lidar com o estresse, e o possível sofrimento psíquico, além de destacar a importância de uma discussão sobre o potencial desenvolvimento saudável de seus membros.

## Referências

- Arsego, J. T., & Morales, B. S. V. (2018). Gerenciamento do estresse no casamento, através de um programa de intervenção para casais heterossexuais com técnicas de manejo do estresse e estratégias de coping (enfrentamento). *Temas em Educação e Saúde*, 14(1), 82-97. <https://doi.org/10.26673/rtes.v14.n1.2018.10994>
- Bachman, H. J., Coley, R. L., & Carrano, J. (2012). Low-income mothers' patterns of partnership instability and adolescents' socioemotional well-being. *Journal of Family Psychology*, 26(2), 263-273. <https://doi.org/10.1037/a0027427>
- Baker, J. K., Seltzer, M. M., & Greenberg, J. S. (2011). Longitudinal effects of adaptability on behavior problems and maternal depression in families of adolescents with autism. *Journal of Family Psychology*, 25(4), 601-609. <https://doi.org/10.1037/a0024409>
- Bodenmann, G., Atkins, D. C., Schär, M., & Poffet, V. (2010). The association between daily stress and sexual activity. *Journal of Family Psychology*, 24(3), 271-279. <https://doi.org/10.1037/a0019365>
- Brito, A., & Faro, A. (2016). Estresse parental: Revisão sistemática de estudos empíricos. *Psicologia em Pesquisa*, 10(1), 64-67. <https://doi.org/10.24879/201600100010048>
- Buck, A. A., & Neff, L. A. (2012). Stress spillover in early marriage: The role of self-regulatory depletion. *Journal of Family Psychology*, 26(5), 698-708. <https://doi.org/10.1037/a0029260>
- Camaliente, L., & Bocalandro, M. (2017). Felicidade e bem-estar na visão da Psicologia Positiva. *Boletim - Academia Paulista de Psicologia*, 37(93), 206-227.
- Casu, G., Zaia, V., Fernandes Martins, M. d. C., Parente Barbosa, C., & Gremigni, P. (2019). A dyadic mediation study on social support, coping, and stress among couples starting fertility treatment. *Journal of Family Psychology*, 33(3), 315-326. <https://doi.org/10.1037/fam0000502>
- Cavaliere, K., Silva, I., Barreto, M., & Crepaldi, M. (2017). Influência do segredo na dinâmica familiar: contribuições da teoria sistêmica. *Pensando Famílias*, 21(2), 134-148. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-94X2017000200011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-94X2017000200011&lng=pt&nrm=iso)
- Cowan, P., & Cowan, P., (2016). Transições familiares normativas, qualidade da relação do casal e desenvolvimento sadio dos filhos. In F. Walsh (Ed.). *Processos normativos da família: diversidade e complexidade* (4ª ed., pp. 428-451). Artmed.
- Feinberg, M. E., Jones, D. E., Kan, M. L., & Goslin, M. C. (2010). Effects of family foundations on parents and children: 3.5 years after baseline. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 532-542. <https://doi.org/10.1037/a0020837>
- Gaylord-Harden, N. K., Elmore, C. A., & Montes de Oca, J. (2013). Maternal parenting behaviors and child coping in African American families. *Journal of Family Psychology*, 27(4), 607-617. <https://doi.org/10.1037/a0033414>
- Glidden, L. M., Billings, F. J., & Jobe, B. M. (2006). Personality, coping style and well-being of parents rearing children with developmental disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*, 50(12), 949-962. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2788.2006.00929.x>

- Graham, J. M., & Barnow, Z. B. (2013). Stress and social support in gay, lesbian, and heterosexual couples: Direct effects and buffering models. *Journal of Family Psychology, 27*(4), 569-578. <https://doi.org/10.1037/a0033420>
- Hammett, J. F., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2018). Longitudinal effects of increases and decreases in intimate partner aggression. *Journal of Family Psychology, 32*(3), 343-354. <https://doi.org/10.1037/fam0000351>
- Hilpert, P., Randall, A. K., Sorokowski, P., Atkins, D. C., Sorokowska, A., Ahmadi, K., ... & Błażejewska, M. (2016). The associations of dyadic coping and relationship satisfaction vary between and within nations: A 35-nation study. *Frontiers in psychology, 7*, 1106. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01106>
- Hilpert, P., Xu, F., Milek, A., Atkins, D. C., Bodenmann, G., & Bradbury, T. N. (2018). Couples coping with stress: Between-person differences and within-person processes. *Journal of Family Psychology, 32*(3), 366-374. <https://doi.org/10.1037/fam0000380>
- Imber-Black, E. (2016). O valor dos rituais na vida familiar. In F. Walsh (Ed.). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4ª ed., pp. 483-500). Artmed.
- King, D. B., & DeLongis, A. (2014). When couples disconnect: Rumination and withdrawal as maladaptive responses to everyday stress. *Journal of Family Psychology, 28*(4), 460-469. <https://doi.org/10.1037/a0037160>
- Krumrei, E. J., Mahoney, A., & Pargament, K. I. (2011). Spiritual stress and coping model of divorce: A longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 25*(6), 973-985. <https://doi.org/10.1037/a0025879>
- Kuhn, R., Bradbury, T. N., Nussbeck, F. W., & Bodenmann, G. (2018). The power of listening: Lending an ear to the partner during dyadic coping conversations. *Journal of Family Psychology, 32*(6), 762-772. <https://doi.org/10.1037/fam0000421>
- Kuhn, R., Milek, A., Meuwly, N., Bradbury, T. N., & Bodenmann, G. (2017). Zooming in: A microanalysis of couples' dyadic coping conversations after experimentally induced stress. *Journal of Family Psychology, 31*(8), 1063-1073. <https://doi.org/10.1037/fam0000354>
- Lamis, D. A., Wilson, C. K., Tarantino, N., Lansford, J. E., & Kaslow, N. J. (2014). Neighborhood disorder, spiritual well-being, and parenting stress in African American women. *Journal of Family Psychology, 28*(6), 769-778. <https://doi.org/10.1037/a0036373>
- Lazarus, S. A., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal and coping*. Spring Publishing Company.
- Maisel, N. C., & Karney, B. R. (2012). Socioeconomic status moderates associations among stressful events, mental health, and relationship satisfaction. *Journal of Family Psychology, 26*(4), 654-660. <https://doi.org/10.1037/a0028901>
- Marshall, E. M., Kuijer, R. G., Simpson, J. A., & Szepeswol, O. (2017). Standing on shaky ground? Dyadic and longitudinal associations between posttraumatic stress and relationship quality postearthquake. *Journal of Family Psychology, 31*(6), 721-733. <https://doi.org/10.1037/fam0000305>
- McEwen, B. S., & Akil, H. (2020). Revisiting the stress concept: Implications for affective disorders. *Journal of Neuroscience, 40*(1), 12-21. <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.0733-19.2019>

- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Ed.). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4ª ed., pp. 375-398). Artmed.
- Mussumeci, A., & Ponciano, E. L. T. (2016). Conjugalidade e relacionamentos pais e filhos (as): pesquisas e propostas de intervenção. In E. L. T. Ponciano & M. L. Seidl-de-Moura. *Quem quer crescer? Relacionamento pais e filhos (as) da adolescência para a vida adulta*. (pp. 13-46). Curitiba, Brasil: CRV.
- Mussumeci, A. A., & Ponciano, E. L. T. (2017). Estresse, coping e experiências emocionais: Uma análise das respostas de enfrentamento do casal. *Pensando Famílias*, 21(1), 33-49. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2017000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100004)
- Mussumeci, A., & Ponciano, E. (2018). *Coping e coping* diádico: Uma análise qualitativa das estratégias de coping de casais. *Psicologia Clínica*, 30(1), 165-190. <http://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n01A09>
- Mussumeci, A. A., & Ponciano, E. L. T. (2019). Ciclo de vida conjugal: Momentos de estresse previsíveis e imprevisíveis ao longo do casamento. *Psicologia em Revista*, 25(3), 1171-1193. <http://seer.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/13042>
- Nelson, J. A., Boyer, B. P., Villarreal, D. L., & Smith, O. A. (2017). Relations between mothers' daily work, home, and relationship stress with characteristics of mother-child conflict interactions. *Journal of Family Psychology*, 31(4), 431-441. <https://doi.org/10.1037/fam0000276>
- Ogolsky, B. G., Monk, J. K., Rice, T. M., & Oswald, R. F. (2019). Personal well-being across the transition to marriage equality: A longitudinal analysis. *Journal of Family Psychology*, 33(4), 422-432. <https://doi.org/10.1037/fam0000504>
- Papp, L. M., & Witt, N. L. (2010). Romantic partners' individual coping strategies and dyadic coping: Implications for relationship functioning. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 551-559. <https://doi.org/10.1037/a0020836>
- Pasley, K., & Garneau, C., (2016). Recasamento e família recasada. In F. Walsh (Ed.). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4ª ed., pp. 149-171). Artmed.
- Ponciano, E. L. T. (2019). Regulação das emoções na família: estresse e intensidade emocional a partir do *coming out*. In T. Féres-Carneiro. (Org.) *Família e casal: Filiação, intergeracionalidade e violência*. (pp. 265-285). PUC-Rio; Prospectiva.
- Ponciano, E. L. T. (2020). Psicologia da família, self e relação: Revisão narrativa da construção de um campo disciplinar. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 10(3supl), 48-65. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/36951>
- Riggle, E. D. B., Rostosky, S. S., & Horne, S. G. (2010). Psychological distress, well-being, and legal recognition in same-sex couple relationships. *Journal of Family Psychology*, 24(1), 82-86. <https://doi.org/10.1037/a0017942>
- Rivers, A. S., & Sanford, K. (2018). Negative relationship behavior is more important than positive: Correlates of outcomes during stressful life events. *Journal of Family Psychology*, 32(3), 375-384. <https://doi.org/10.1037/fam0000389>

- Rolhas, R. A. C. (2016). *Satisfação Conjugal, coping diádico e funcionamento familiar – contributo para a geometria de famílias intactas e reconstruídas*. [Dissertação de Mestrado. Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Lisboa]. Portugal.
- Roy, A. L., Isaia, A., & Li-Grining, C. P. (2019). Making meaning from money: Subjective social status and young children's behavior problems. *Journal of Family Psychology, 33*(2), 240-245. <https://doi.org/10.1037/fam0000487>
- Rusu, P. P., Hilpert, P., Beach, S. R. H., Turliuc, M. N., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping mediates the association of sanctification with marital satisfaction and well-being. *Journal of Family Psychology, 29*(6), 843-849. <https://doi.org/10.1037/fam0000108>
- Saxbe, D., Horton, K. T., & Tsai, A. B. (2018). The Birth Experiences Questionnaire: A brief measure assessing psychosocial dimensions of childbirth. *Journal of Family Psychology, 32*(2), 262-268. <https://doi.org/10.1037/fam0000365>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2011). Relações entre bem-estar subjetivo e satisfação conjugal na abordagem da psicologia positiva. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 24*(4), 658-665. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722011000400005>
- Selye, H. (2017). *Stress, a tensão da vida*. Ibrasa.
- Shimoguiri, A., & Serralvo, F. (2017). A importância da abordagem familiar na atenção psicossocial: Um relato de experiência. *Nova Perspectiva Sistémica, 26*(57), 69-84.
- Silva, M.R.S., & Lunardi, V. L. (2006). A concepção de família como unidade complexa. *Família, Saúde e Desenvolvimento, 8*(1), 64-72. <http://repositorio.furg.br/handle/1/1402>
- Sorokowski, P., Randall, A.K., Groyecka, A., Frackowiak, T., Cantarero, K., Hilpert, P., Ahmadi, K., Alghraibeh, A.M., Aryeetey, R., Bertoni, A., Bettache, K., Błażejewska, M., Bodenmann, G., Bortolini, T.S., Bosc, C., Butovskaya, M., Castro, F.N., Cetinkaya, H., Cunha, D., ... & Sorokowska, A. (2017). Marital satisfaction, sex, age, marriage duration, religion, number of children, economic status, education, and collectivistic values: Data from 33 countries. *Frontiers in Psychology, 8*, 1199. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01199>
- Sousa, L., Firmino, C., Marques-Vieira, C., Severino, S., & Pestana, H. (2018). Revisões da literatura científica: tipos, métodos e aplicações em enfermagem. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Reabilitação, 1*, 46-55. <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/25938>
- Vosgerau, D., & Romanowski, J. (2014). Estudos de Revisão: Implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional, 14*(41), 165-189. <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/2317>
- Wadsworth, M. E., & Santiago, C. D. (2008). Risk and resiliency processes in ethnically diverse families in poverty. *Journal of Family Psychology, 22*(3), 399-410. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.22.3.399>
- Walsh, F. (2016). Diversidade e complexidade nas famílias do século XXI. In F. Walsh (Ed.). *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4ª ed., pp.3-27). Artmed.
- Wang, Y., & Dix, T. (2013). Patterns of depressive parenting: Why they occur and their role in early developmental risk. *Journal of Family Psychology, 27*(6), 884-895. <https://doi.org/10.1037/a0034829>

Woodman, A. C., & Hauser-Cram, P. (2013). The role of coping strategies in predicting change in parenting efficacy and depressive symptoms among mothers of adolescents with developmental disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*, 57, 513-530. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2788.2012.01555.x>

### **Endereço para correspondência**

ludmillafurtado@yahoo.com.br

Enviado em 27/11/2020

1ª revisão em 13/09/2021

2ª revisão em 02/03/2022

Aceito em 06/04/2022